

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n.º 71, 2º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 30 DE DEZEMBRO DE 1893

EXPEDIENTE:

Assignatura annual. . . 12\$000
 " semestral 7\$000
 Numero avulso. . . \$200
 " atrazado \$300

As assignaturas terminam sempre em junho e dezembro

Terminando neste mez o 1º semestre da segunda phase d'A SEMANA, rogamos aos nossos dignos assignantes o inestimavel favor de mudarem reformar suas assignaturas, a fim de que não seja suspensa a remessa da folha.

Os Srs. assignantes de anno tem direito ao livro BRIC-À-BRAC, de Valentim Magalhães.

SUMMARIO.—Historia dos sete dias—Julio Verim; O anno terrivel—V. M.; Tumulo Silente, soneto—Luis Ross; Historia do Natal—Maria C. C. Santos; Poemas da Juventude, II, "Never Mind"—Garcia Rodondo; Outra ora e hoje, soneto—Theodorico Machado; O Rio das Mortes—J. de Moraes Silva; Poesia e Poetas—Ascanio Magno; Gazetilha Litteraria; Vaso Mystico, soneto—Placido Junior; Cartas á minha irmã, II—J. de Azevedo Sobrinho; Correio—Henrico; Facias e Noticias; Au clair de la lune, soneto—Societade de Sonna; Os collegas; Tratos á bola—Fr. Antonio.

Historia dos sete dias

Na segunda-feira celebrou-se em todos os templos christãos o nascimento de Jesus.

Só por um refinamento de hypocrisia social é que poderiamos fingir acreditar que este acontecimento tenha levemente impressionado os corações d'este fim de seculo.

Na realidade. O que tem que ver uma geração que dia a dia aperfeiçoa os meios de aniquilar-se pela dynamite, pela nitro-glycerina, pela melinite com Aquelle que vejo ao mundo exclusivamente a pronunciar palavras de resignação e de conforto?

Em que pôde interessar a uma raça espantosa, que padece da ancia da exhibição, da vertigem da notoriedade, a appareição no mundo d'aquelle humilde que pregava: "Não façais as vossas obras diante dos homens a fim de serdes visto por elles?"

O que ha de commum entre homens que inventaram a caridade espectral das kermesses e dos bandos precatórios, o beneficio tilintante, por intermedio das folhas diarias e das subscripções publicas e o Ente divino que ensinava: "Quando deres a esmola, não saibas a tua mão esquerda o que fez a tua mão direita!"

Onde ha ahí ouvidos que escutem, em meio ao troar dos canhões e ao gemido estufante das bombardas, aquella voz que do alto da montanha clamava:

"Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos tem odio e orac pelos que vos perseguem e calumniam?"

Em que corações se alberga um germen, siquer, da semente de confraternização e puro amor desprendida dos seus labios divinos em palavras da mais eloquente simplicidade?

Não, filho de David. Sente-se bem que a doutrina do seculo não é essa que tu vieste a ensinar-nos. Aquella é a dos escribas e phariseus e que tu mesmo condemnaste.

Por isso os justos e os bons, ao festejarem-se as alegrias do teu nascimento, só têm nos labios uma prece fervorosa: "Jesus, volta de novo. Volta de novo, Jesus!"

Agora vejo que, na symphonia que vou tangendo neste orgão... de publicidade, em lugar de ter de mão o registro dos canticos triumphaes, em que ha trombetas de anjos e harpas sonoras de seraphins, puxei, por descuido, os embolos que regulam o canto-chão das jeremiadas roufenhas e saiu-me aquillo desentoadado e lacrimoso.

Emendo a mão. O Jesus que se gloria é aquelle louro menino que os outros meninos adoram, no seu throno da côr do céu, refulgente de estrelãs de ouro. E' o infante Jesus dos presépes, onde ha pastores que dansam, bois que pastam, cordeiros que balam.

E' Elle que faz que a arvore de Natal floresça em luz e fructifique em cartuchos de balas, cofresinhos de amendoas, polichinellos, cochichos, caixinhas de surpresas, arcas de Noé, soldados de chumbo, bolas, gaitinhas, pandeiretas, numa infinidade de dons, que deslumbram os pequeninos cerebros.

E' elle que reúne na alegre consoada das aldeias e dos campos os parentes dispersos, que dos pontos mais afastados accorrem á residencia do patriarcha da familia, uns em carros de bois, que se annunciam de longe, pela chiadeira das rodas no mac-adam das estradas, outros a cavallo, outros de liteira ou de cadeirinha.

Este é o Jesus eternamente querido e eternamente adorado, cuja imagem nunca do mundo se verá delida, gravada como está em caracteres inapagaveis nos corações bondosos das crianças e nas almas serenas dos velhos.



Acaba de sahir da scena do mundo, na bonita idade de oitenta e cinco annos, alguem que a tantos facultou a entrada na referida scena. Quero fallar da parteira Mathilde Durocher, cujas mãos peritas trouxeram á luz entre cinco mil e tantas existencias, mais ou menos obscuras, a preclara descendencia de uma estirpe regia.

Não foi, porém, esta circumstancia, seja dito de passagem, que lhe valeu a

notoriedade. Quando a illustre profissional se assentava na sua cadeira de membro titular da Academia de Medicina, logar que conquistara exclusivamente pelo proprio merecimento, devia julgar-se superior a thronos de reis.

Contam-se d'ella excentricidades, a começar no traje que usava,—meio de homem, meio de mulher,—talvez para inculcar inteira imparcialidade no tocante ao sexo d'aquelles que tinha de introduzir na vida. Meia quartola na cabeça, collete e casaco preto, caindo sobre a saia lisa da mesma côr. Foi assim que ella passou por mim a ultima vez, ha bons seis annos.

Muito ha que a julgava morta; tanto assim que ao vêr agora annunciado o seu frespasso, cuidei que tal nova não passava de um daquelles recursos de que, segundo affirma Alphonse Karr, se prevalecem todos os jornaes em epoca certa de crise do noticiario: caça a monstros, thesouros descobertos etc.

Não brinquemos, porém, com a morte. Bem amigo de rir era o Julio Cesar Machado e, no entre-tanto, deu uma vez aos seus amigos a seguinte lição de seriedade:

Certa occasião em que varios litteratos e jornalistas tinham ido acompanhar ao cemiterio não me lembro agora quem, depois que cada um delles lançou a sua pá de cal na sepultura do morto, Xavier Cordeiro dirigiu-se ao adoravel conversador, seu amigo particular, no seguinte tom, pouco mais ou menos:

—O' Julio, manda embora a carruagem e vem comigo, que escusa cada um de ir só, a matutar por ahí abaixo.

Ao que o Machado, que tinha melindres de verdadeira sensitiva, por vezes irritantes, retorquiu de prompto, todo formalisado:

—Ora, meu amigo, sempre cuidei que fizesses mais justiça aos sentimentos com que venho a um enterro. Asseguro-te que não tenho vontade nenhuma de me rir nem de conversar.

E foi-se. Um desconfiado aquelle Julio.



Assim tristes deviam tambem ter voltado do campo dos mortos os que lá foram levar um dia d'estes o Augusto Fabregas,—um que escrevia comedias e scenas para fazer rir a gente, quando já a morte o andava minando por dentro.

Verdadeiramente affavel que elle era. Nunca me aconteceu aproximar-me da sua banca no PAIZ, por mais atarefado que elle estivesse, que me não acolhesse com a maxima cordealidade. Não quero dizer que não actuasse nisto a influencia do meio, mas nem por isso é menos valiosa a parte que cabia á sua personalidade.

Intelligencia dispersiva, teria valido muito mais para as letras, se a neces-

slidade de ganhar a vida lhe não houvesse negado um momento em que pudesse concentrar as proprias facultades.

A' sua memoria envio a minha saude.



Fim de anno. Caem murchas as esperanças que não fructificaram nos trescentos e sessenta e cinco dias em que andámos a fazer o nosso giro, em volta do sol, para no mesmo logar serem plantadas novas esperanças, que por sua vez, terão o mesmo destino, volvidos que sejam outros trescentos e sessenta e cinco dias.

Que importa? Se de todos os Ideaes que hão de surgir na mente dos sabios, na imaginação dos poetas, na phantasia dos artistas, alguns, por poucos, conseguirem vingar, podem sumir-se para todo o sempre as previsões vesgas dos politicos de todas as cores, as theorias bicorneas dos legisladores de todas as escolas, que não fazem cá falta nenhuma.

Appellemos, pois, para o anno que entra, que, se nos não resolver nenhum dos graves problemas em que andam empenhados os povos, dar-nos-á cousa muito melhor: a SOGRA de Aluizio Azevedo, o BRIC-A-BRAC de Valentim Magalhães, as CARICIAS de Redondo, as ESTROPHES de Fontoura Xavier, o LOTUS de Luiz Rosa etc.

E tudo isto sem sairmos barra fóra.

JULIO VALMOR.

O ANNO TERRIVEL

On ne voit plus le phare; on ne sait que penser; Vient-on de reculer ou vient-on d'avancer?

(V. Hugo. *L'année terrible*: Loi de formation du Progrès.)

Explra amanhã este maldicto 1893, que ha de passar á Historia do Brasil sob a designação condemnatoria de ANNO TERRIVEL.

Ha de expirar como um réprobo, regougando a sua agonia sinistra entre espumas de sangue, sob a chuva das nossas maldições frementes.

Morre, anno — bandido, anno — assassino, anno — Caím!

Teus dias foram marcados no calendario a dedadas de sangue.

Em 1889, um seculo contado após a queda da Bastilha, tivemos a derrocada do throno bragantino; em 1893, um seculo após o Terror, tivemos a revolta Custodio — Saldanha, a luta fratricida. E' a indefectibilidade das leis historicas, a fatalidade dos acontecimentos, que as leis sociologicas não explicam ainda no que se refere a esse acaso ou coincidência de realisação num periodo certo, como essas enfermidades de marcha cyclica.

Quem rablsca estas linhas escreveu, pouco ha, no PAIZ um artigo em que pretendia explicar o delirio de calamidades que vae assolando o mundo e enlouquecendo o Homem de dor e raiva, como sendo uma liquidação de fim de seculo.

Deus, o Acaso, a Providencia ou o Diabo, precisando fazer "sortimento novo" para o seculo proximo vindouro, está "queimando" tudo o que d'este ainda resta e vae liquidando-o a ferro, a fogo, a agua... E os seus agentes — a Guerra, a Fome, o Incendio, o Cyclone,

a Cheia, a Tempestade, a Peste não descansam um momento.

O Anarchismo lavra, assustador, implacavel, assolante, novo "flagello de Deus," percorrendo todos os continentes no seu carro de fogo — Elias macabro do Nada.

E' uma fogueira só e colossal o mundo, fogueira que se inflammará fragorosa e rugente, a mais e mais, de anno em anno, até que o seculo XIX se extinga.

Então, do solo da Alma Humana, purificado pelas chammas e nutrido de selvas novas pelas cinzas do incendio, começará de brotar, poderosa e ridente, a sementeira dos ideaes do seculo XX.

Até lá, resignação, ó homens, irmãos meus! Leiamos o livro de Job e abençoemos o Senhor. Abençoemol-o e supliquemos-lhe a graça de nos fazer convivas do banquete perenne da confraternidade universal, cuja mesa immensa ha de ser posta no campo de batalha em que se massacram agora os povos — nas almas com theorias delirantes, nos corpos com guerras, revoltas e conflictos.

Se o Brasil não fosse o Brasil, uma terra de fartura e de paz, em que a generosidade maternal da terra só pôde ser medida pela bondade primitiva dos seus indigenas, o anno de 93 marcar-lhe-ia a data da fome, da bancarota, da ruina.

Por sel-o, porém, elle só lhe marcará a data lugubre do fratricidio.

Esses milhares de homens que em terra e no mar com bravura homérica se batem, se atacam, se exterminam, são irmãos, brasileiros todos.

Nem desgraça maior nos podia desfregar a mão cruel de um deus mortifero, incendiado em coleras de vingança.

E, no entanto, essa luta crimlnosa prolonga-se e quando o anno terrivel houver feito a cambalhota final, no insondavel apodrecedouro dos tempos, ella estará mais accesa, mais frenetica de acção, mais sedenta de sangue, mais ameaçadora de males!

E' esta a herança do 93. Seu espolio é esta guerra estúpida; são esses cadaveres mutilados e sangrentos, que a Noite recebe em lagrimas, amortalhados no silencio, e que guardará, ciosa do santo deposito, até o grande momento de entregar-os á Historia para a suprema reivindicção da Justica, tumulos abertos, ao pleno sol da Verdade.

De ninguem sei a quem haja sido benigno e dadivoso esse anno que ahi estertora, moribundo.

Da plantação larga de esperanças que em todos os corações se faz no dia de "anno bom" chamado, fez o miseravel uma colheita de desenganos, dores e trabalhos.

Apertou a vida ao operario, roubando-o no preço do pão, da carne, de todos os comestiveis, estreitando-lhe os horizontes com a difficultação dos meios de subsistencia; complicou e irritou a politica a ponto de fazer della um volcão hediondo, vomitando a ruina e a morte infatigavelmente; cumulou-nos de sofrimentos e apprehensões dolorosas; fol, em summa, um anno negro, a cujo cortejo de eumenides só faltaram, felizmente, as epidemias.

E' com alegria indissivel que o vemos todos sumir-se na voragem do Tempo — com as classicas barbas brancas chamuscadas de polvora e as mãos tintas de sangue.

E para o que vae surgir do mesmo alçapão que devorar o outro, que sentimentos devemos ter?

Povo, eterno menino! Planta de novo o teu coração de esperanças, baila e canta e ri, em ronda festiva e vertiginosa, em torno do recém-nado successor d'este bandido. Espera. Esperemos. Esperar é viver.

V. M.

TUMULO SILENTE

(AO DR. SILVA HAMOS)

Canta, poeta, canta sempre, porque os teus cantos não morrem. Abriudo as azas de luz, voador para o azul do infinito e esperam: se já ficam, é para viverem no seio luminoso e casto das estrellas risonhas; se voltam, é para brilharem no seio de uma rosa ou na cor alacre e sanguinea de alguma papoula de luxo.

(DE UM LIVRO).

Páro á beira do tumulto de um poeta: "Alma, que dormes sob o escuro manto Da noite, acorda, coração de asceta! Muda em rimas de perolas o pranto.

Deve ser triste o teu sonhar, porquanto Canta de dia o aroma e a borboleta Abre as azas de luz no campo santo, Treme o orvalho no calix da violeta.

Foge das trevas desse leito escasso, E, como um deus mergulhador, de rastros Surge cheio de joias rutilantes!

Surge e canta! — Mas nisto olhei o espaço: Por sobre mim vinham tombando os astros Numa constellação de diamantes!

LUIZ ROSA.

CONTO DO NATAL

(A'S CRIANÇAS)

Vamos, avósinha, vamos, conta-me a historia do Natal que me prometteste.

E a velha, contente, deixando transparecer no bondoso sorriso que lhe adornava a face pallida e macilenta, o signal visível da alegria, disse: "O Caminho do Céu" — é um livro de historias para as crianças; nelle todas as paginas do coração humano estão desenhadas primorosamente. Ha alegrias rosas e gorgelios de passaros naquellas linhas singelas e sublimes. O Conto do Natal — o primeiro do livro — é a historia de um menino pobre, muito bom, carinhoso e meigo, como tu, meu anjinho, que recebeu no grande dia do nascimento de Deus, — o premio de suas virtudes.

Se bem me lembro, era assim:

"Perto de um rio caudaloso e bello, sob uma abodada de verdura fresca, brincava alegremente o pequenito Edgard.

"Era um dia delicioso, céu azul, limpido, sereno.

"Edgard estava contente, não havia em seu olhar vislumbre siquer de uma tristeza.

"Lento e lento, aproxima-se um velho de longas barbas, brancas como a neve, cajado á mão e olhos de indizível bondade. — Meu menino, disse, tenho fome, desde hontem que não tenho siquer uma codea de pão, dá-me uma esmola pelo amor de Deus.

"Era na vespera do Natal.

"Edgard ficou triste com a desgraça do velho e deu-lhe uma moeda de ouro, que trazia no bolso — o premio que havia

conquistado dias antes, no seu primeiro exame do collogio.

"Depois... o velhinho fol-se embora, tendo beijado a pequena e bondosa mão de seu bemfedor.

"Deus ficou tão contente com Edgard, que nessa noite mandou-lhe um grande presente, pelo anjo encarregado de trazer, escondido de todos, as boas-festas para os bons meninos. E que presente! continuou a avósinha, tudo quanto Edgard desejava possuir—os mais deslumbrantes e custosos brinquedos,—porque Deus, meu anjinho, adivinha!

"Elle sabe de tudo, prescruta o nosso coração e conhece os nossos mais reconditos segredos.

—Se é assim, avósinha, se Deus adivinha tudo quanto a gente quer, eu vou ser, d'aquél em diante, muito bom, nunca mais hei de teimar, nunca mais hei de mentir e nem pedir nada na mesa, e, de certo, no outro dia de Natal, Deus, em vez das amendoas que me manda todos os annos, ha de me dar o que mais desejo—a mamãe, fazendo-a viver outra vez! Coitadinha! lá onde ella está, no cemiterio, é tão frio, é tão triste! e eu tenho tanta saudades della!

Nem uma palavra poudé articular a desventurada velha, tal foi a impressão dolorosa que aquellas palavras credulas—chelas de ignorancia e sublimidade—lhe fizeram no coração.

As lagrimas saltaram-lhe dos olhos e ella, num transporte de amor, beijando o netinho apaixonadamente, louca de dor e de saudade, sentia que beijava a filha morta!

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.

POEMAS DA JUVENTUDE

II

NEVER MORE...

"Nunca mais... nunca mais..." dizia ella com o seu fiosinho de voz crystallina e fresca como o murmuriado de um regato.

E, trémula como uma avesinha assustada, mostrava-me a ponta do seu dedo roseo, onde uma gotta, uma pequenina gotta de sangue manchava a alvura da epiderme.

E enquanto eu, solícito e tambem um pouco tremulo, castigava a criminoso—a linda rosa-musgo, que tanto mal fizera—ella, sentindo-se desfallecer á vista do sangue, envolvia o dedo, o mimoso dedinho roseo, nas dobras do seu "peignoir" de musselina alvissima, repetindo sempre:—"Nunca mais... nunca mais..."

Adiante, no fim da alameda, havia um caramanchel e ao lado, guardando a entrada, erguia-se a estatua de Diana—a caçadora esbelta—de um corpo moço e appetitoso, talhado na brancura immaculada do marmore de Carrara.

Docemente, docemente, seguimos para o Caramanchel e ali, sob a fronde protectora das heras, espiados sempre pelo olhar de marmore de Diana—a bella—passámos horas felizes, segregados do mundo, num recolhimento doce, a ouvir segredos de aves palmeiras.

O ruido dos nossos beijos casava-se ao chilrear da passarada em nupcias e ella, sentindo sempre a dor pungente na

ponta do seu dedinho roseo, repetia balzinho:

— "Nunca mais... nunca mais..."

Quando deixámos a sombra amiga do Caramanchel era já tarde.

O sol descambava ao longe e apenas um tenue raio do astro, coando-se a custo através a fronde do parque, dourava ainda o rosto triumphante da bella Diana.

Enlaçados sempre, sentindo o doce torpor da languidez, parámos um momento á porta do Caramanchel e só então, á claridade fugitiva do dia, é que ella viu uma pequenina mancha de sangue ruborisando a musselina alvissima do seu "peignoir," no mesmo lugar onde envolvera o dedo ferido.

E sentindo-se desfallecer de novo á vista do sangue, ella, apontando para a mancha, dizia com o seu fiosinho de voz crystallina e fresca:

— Nunca mais... nunca mais...

A linda estatua fitava ironicamente o horizonte longinquo e os seus labios de marmore repetiam sorrindo:

— Nunca mais... nunca mais...

1886.

GARCIA REDONDO.

OUTR'ORA E HOJE

Quão diferente nos parece agora
A vida, desse tempo em que risonhos
Iamos juntos pelo campo afóra,
Ao morno afago dos primeiros sonhos!

Hoje os dias são longos e tristonhos,
A mesma acre saudade nos devora,
Negros phantasmas, espectraes, medonhos,
Nubiam nossa alma onde a tristeza mora.

Acerba magoa, acerbos dissabores
Toldam de escuras nuvens procellosas
O ceu dos nossos infantis amores.

Ai! quem nos dera, minha boa amiga,
A' sombra das palmeiras magestosas,
Poder gosar aquella paz antiga!

Rio—7—11—93.

THEMISTOCLES MACHADO.

O Rio das Mortes

Elle estava em cima da montanha, no platô: o rio era um lago tranquillo, formoso; uma alameda celeste: ás margens o arvoredado multicolor, florido, odoroso, mudo, somnolento, cabeceando; no centro, o caminho azul, com rasgos de ouro.

Tão lenta e reflectidamente andava aquelle céo que lhe parecia ser antes elle quem andava: tal é a vertigem deslumbrante das agoas caminheiras: uma embriaguez externa.

Empoleirado n'um garrancho, que excedia a ribeira, estava um bem-te-vi; abaixo, n'uma angrasinha: metade de um espelho oval, apparecia outro bem-te-vi; ambos esvoaçavam, ambos abriam o bico; mas o canto melodioso era sómente de um, como a moça faceira que fala consigo diante de sua "toilette:" miragens da agoa imaginaria.

Mais adiante, de outro braço, qual o da Discordia, cahio um pomô dentro do

liquido argenteo, que se esparrinhou turbilhando: um grande girasol de aljofares.

Uma borboleta azul, como uma nuvem de ceo, passou, malmente espicacando a tona d'agoa, e chuchurreando em resaltos, sem parar: pequeninas zonas recochetadas abriam-se na corrente, e lá iam atrás della.

Passou uma flor de pressa, como si fosse a um baile.

Passaram diversas folhas empenadas e concavas: uma esquadriha de nau-tillos.

Um peixe de prata saltou no ar e abrio um Maelstronziinho.

Vio a marrequinha faceira, a pequenina Cleopatra, adornada de ouro e pedroas.

Elle estava triste e pasmo; pensou:

"A agoa, na sua rotação incessante, n'um circulo vicioso, descendo do alto das serras, e subindo outra vez pela attracção do sol de cima; a que tem azas voando ás nuvens; a outra, inalada, descendo novamente até ao fundo do mar opulento, attrahlida pela força de gravidade do archeo, que é o sol subterraneo: quanto é prodigiosa!

Assim n'um motu-contínuo, caridosamente dá de beber aos que têm sede, pois que a terra, sua irmã gemca, dá de comer aos que têm fome."

Elle foi indo pelo declive.

Já de longe ouvia o ribombo das agoas que desoliam.

Crescia o rumor.

O cantochão monotono e profundo o foi atordoando.

Approximou-se.

Augmentava a vozeria ensurdecente, qual o clamor da multidão faminta que desce sobre Paris.

Elle procurava por entre os claros da mata ver o rio que passava estrebuxando, bramante e preclipte.

Vio o rio a prumo; ondas em pé de um mar perpendicular!

O rio é como o povo: tem o recolho manso e dormente e a precipitação dos leões que desfilam a bramir com as jubas embaudeiradas.

Parou surpreso, diante o horror tão attraheente!

Ouvio uma voz acusmatica, que vinha da cachoeira; um gemido afrautado, talvez de Siryx que fogla.

Tremeo, oihou, quiz ver mais, quiz ver bem, avidamente: assim os poetas, que vêem o invisível a todos: Egle, a Venus do rio!

Crescia o rumor, a claridade fascinante das ondas revolutas, cruzavam-se os reflexos: era o principio do encanto, o momento da transição fantastica!

Lá vinha a formosa Patomides, seminúa, a resupino, no seo coche de mal-leavel madreperola com chuveiros de iriantes pedrarias: tinha nos quadris o movimento onduloso de Triallis; sahiam-lhe dos encontros barbatanas de catarsoi canjante, espadanando fios de perolas; os cabellos cheios de luz faiscante; a bocca cheia de risos ciciantes, os seios pulados com bicos de brilhantes; as pernas roliças, mal envoltas em lenções chrystalinos; a tunica mais subtil e transparente que a de Lais....

Vinha do seio da mata virgem o doce perfume, em lufadas, como de oscillações de turibulos do ar.

Elle viu bem, vio avidamente, vio de mais: a Nympha branca do rio, branca como as filhas do pólo.

Não pôde conter-se: seguiu, copiando a margem, de alpondra em alpondra, rompendo os borbotões, ancioso.....

Ouvia o canto das Náyades que o acompanhavam.

Lá foi de rojo, de cachoeira em cachoeira, seguindo a mulher de gelo.

Ella olhava para elle, batia as azas, ria, e ria...

Elle ia correndo de precipicio em precipicio, louco de ventura, alongando os braços para abraçá-la; trombejando os lábios para beijá-la.

Ella emfim chegou ao abysmo, e acenou-lhe com o seu lenço branco, bordado de prata: não era um adeos, era um chamado.

Elle tambem lá foi: beijou-lhe os seios, suffocou-se em beijos, cahiram juntos!

Dahi a pouco ella estava no mesmo logar em que foi vista á primeira vez: vinha arrastar outro poeta ao abysmo!

E' que o encantamento das Patomides, como o das Sereyas, não acaba nunca.

Parece que as donzellas das agoas deveriam apenas saber chorar: entretanto, dá agoa pura e christalina sómente tomaram o frio, o riso gelado, o olhar de morte, e o coração de pedra das mulheres perdidas que matam de amor.

J. DE MORAES SILVA

POESIA E POETAS

TRAÇOS COR DE ROSA—Versos de Zeferino Brasil.—Porto Alegre—1892.

O livro de que vou tratar (250 paginas) é dividido em duas partes, que têm por títulos:—a primeira "Poemas do coração" e a segunda "Rhapsodias."

Bem impresso está elle. Vejamos, porém, se a parte material está em analogia com a parte poetica; se tão bello cofre encerra perolas e diamantes ou se apenas pingos d'agua.

Ao contrario de certas operas, que dão quasi tudo que têm de dar na prothophonia, reservando apenas o bagaço melódico para os cantores, a opera poetica do Sr. Zeferino dá, tão pouco na "Symphonia," poesia com que abre o livro, que quasi obriga o espectador a erguer-se da sua poltrona e dirigir-se á bilheteria afim de reclamar o seu dinheiro.

Pouco amigo, porém, de julgar o sabor do fructo pela casca, resignei-me a virar a primeira pagina.

Senti logo que o trecho musical que então me feria os ouvidos era sempre um pouco melhor que toda a melodia antes ouvida.

E appliquei o ouvido e fui deixando que nelle cahissem os schersos e os rondós, os ritornellos e os concertantes; e, ao cahir o panno, digo, a ultima pagina da primeira parte, não tive remédio senão bater palmas ao autor da partitura, ouvindo ainda vibrar nos ares o campanolar da ultima rima.

Dahi porém a dizer que o compositor dos versos de que com tanto prazer me occupo, é um consagrado, um poeta feito, val simplesmente um abysmo.

Commette erros e não pequenos.

Sou porém forçado a dizer que, em todo o brilhante exercito de versos que vi desfilar ante os olhos, ao mando do general Brasil, apenas vi lá um ou outro soldado sahir fóra da linha ou des-accertar o passo!

A maioria do pelotão, porém, perfilou-se sempre galhardamente, ainda mesmo

quando obrigada a seguir a marche-marche.

Não obstante, de quando em quando deparava-se-me este ou aquelle bravo marchando com um pouco menos de firmeza. Mas, em todo o caso, lá la cumprindo o seu dever como podia. Ahí vão alguns indisciplinados para exemplo.

Sentido! fóra da fórmula:

"Que quando a noite um dia com seu bafo al-
[gente.]

"Pois bem, sê bondosa, minha flôr."
"Elle "vio" o "navio" sumir-se nos espaços."
"A's florestas sombrias, á deveza—a tudo."

E mais alguns recrutas incorrigíveis, que não acertam o passo nem á força de muita chibata!

Agora lá vão desfilar os soldados que têm apenas as pernas bambas pela fadiga da marcha forçada, mas que são, no emtanto, disciplinados.

Um passo á frente:

"Parecia tal como eu a sonhara."
"Todo garrulo a me falar de amores."

Máu rythmo. Ahí vão outros do mesmo rythmo; versos que, sendo certos, são contudo mal soantes:

"O teu amor entra-me pelo craneo."
"A treva estenda-se na immensidão."
"Como uma cythara que soa e vibra."
"Nesse teu carcere sem claridade."
"Uma nostalgica canção que chora."

Este "cacânção" é detestavel!

E fico por aqui, pois se fosse a citar todos os versos mal soantes e froixos occuparia com este artigo quasi todo o espaço d'A SEMANA.

Outros defeitos tem o livro; pequenos senões que no tempo em que reinava o Romantismo passariam talvez sem reparo, mas que, hoje, no reinado do Parnasianismo, são imperdoáveis; pelo menos num poeta que com um pouco mais de paciencia e de bôa vontade poderia ser correcto.

Nota-se no livro do Sr. Zeferino uma grande pobreza de rimas. Raras vezes usa elle de outras que não sejam as que terminam em "ante," "ente," "osa," "oso," "udo," "ado," "ada," "ia." Tive a pachorra de contar as rimas das tres ultimas terminações e encontrei 99 em "ado," 90 em "ada" e 129 em "ia"! Emprega frequentemente as palavras: passrada, alvorada, soluçosa, e outras, o que parece provar a escassez do seu vocabulario.

Encontram-se frequentemente phrases, estrophes e mesmo poesias inteiras que parece terem sido escriptas (á parte algumas incorrecções) pelo poeta dos VERSOS E VERSÕES, umas vezes, outras pelo da MORTE DE D. JOÃO e outras ainda por Luiz Murat.

Estylo proprio é o que falta inteiramente ao Sr. Zeferino Brasil. Note-se que, em todo o seu livro, não encontrei porém um unico plagio. Ha somente imitação ou assimilação, ou que melhor designação tenha, da maneira de outros poetas.

Provarei citando trechos que parece terem sido inspirados muito de perto por este ou aquelle verzejador.

"Adormeci sorrindo e despertei cantando."

Parece ser de Casimiro de Abreu: (Meus oito annos)

"Adormecia sorrindo
E despertava a cantar.!!

(Se me não falha a memoria. Não tenho presente o volume das PRIMAVERAS.)

"..... a rima soluçosa
Que diz-te tudo... sem dizer-te nada."

Puro R. Corrêa no soneto "As despedidas" que assim termina:

"Tu, formosa Bentriz, nada disseste;
Mas, sem nada dizer, disseste tudo."

Vou citar varios versos que lembram outros de Luiz Murat. Versos que têm todo o feitio dos d'este poeta:

"Das nossas seismas e do nosso amor."

Outro:

"A voz de um monge dentro de um santuario."

Mais outro:

"..... um céu sobre outro céu,
Um infinito sobre outro infinito!"

Mais:

"Não tinha flores e nem passarinhos."

Ainda mais:

"As minhas esperanças e os meus sonhos."

Emfim, toda a poesia que tem por titulo "A voz das flores" parece escripta pelo autor das ONDAS. Pelo menos lembra muito a poesia d'aquelle poeta que se intitula "Atravez do passado."

Dos sonetos do livro citarei como melhores: "Nunca," "Trista," "Porque foges?," "O meu amor," "Pagina intima," "Metamorphose," "Perto-longe," "Para o que vivo" e outros; e das poesias: "Credo do amor," "Bilhetes de amor," "Soror Conceição," "Uma historia verdadeira," "Versos de um clown" e poucos mais.

Além de falta de originalidade e indecisão de phrase, commette o Sr. Zeferino pequenos peccados contra a Metrica, como:—não symetrisar as rimas, collocar extemporanea e illegantamente agudos numa poesia sómente de graves e emfim repetir rimas numa mesma producção poetica.

Emancipe-se o poeta de alheias sugestões, lime seus versos o mais que puder, leia os de primeira agua que se occultam nos escriptos que conhecemos na ourivesaria litteraria sob os titulos de "Versos e Versões," "Alleluias," "Sonetos e poemas," "Phalenas," "Americanas e Chrysalidas," "Panoplias "Sarças de fogo" e "Via Lactea," e poderá, dentro em pouco, tomar logar entre os artistas que taes primores fizeram.

E como este artiguete já vae ficando artigão, vou, como é de estylo, fechal-o com a chave costumeira.

DEBORAH

"Bastou que eu te fitasse um certo instante,
Bastou que a tua voz divina ouvisse,
Para que logo o coração amante
Esta paixão que sentê então sentisse."

E se como eu te vi, nunca te visse,
Todo este amor de uma rudez cortante
Que me fére, talvez não me ferisse
Tão deshumano e tão mortificante."

Só por ouvir-te e só por ver-te, dóe-me
Esta afflicção que o seio d'alma dóe-me,
Funda, cruel, satanica, sombria!

A dura cruz do teu amor carrego...
Ah! Deus, quem dera que eu nascesse cego!
Ai! ceus, quem me fizera surdo, um dia!

E venham para cá dizer-me que não é de ouro, e ouro de 18 quilates, esta chavesinha com que conseguio fechar este insulso desarrasado, com que, amaveis leitores, vos ia matando de aborrecimento, este que se presa de ser vosso humilde criado e venerador

ASCANIO MAGNO.

GAZETILHA LITTERARIA

Entrou para o prélo o livro BRIC-A-BRAC, de Valentim Magalhães, destinado para premio dos assignantes annuaes d'A SEMANA.

Esperamos distribuil-o em fins de Fevereiro do anno vindouro, pois vamos activar-lhe a impressão, para não retardar o cumprimento da nossa promessa.

Devido á amabilidade de um amigo do nosso director, recebemos de Lisboa um exemplar do novo livro CAMPO DE FLORES, do conhecido poeta João de Deus, edição authentica e definitiva, coordenada por Theophilo Braga, que a prefacia.

É um grosso volume de 703 paginas, bem impresso e dividido em 12 partes, a saber: Canções, Odes e Canções, Elegias, Idylls, Disticos, Canticos, Fabelas, Satyras e Epigramas, Poemetos, Versões e Imitações, Theatro e Additamento.

O trabalho typographico, que é da Imprensa Nacional de Lisboa, é excellente. Mais de espaço e em artigo especial nos occuparemos do CAMPO DE FLORES.

Por falta de espaço não publicamos hoje a purgação do plebiscito litterario por nós proposto para os seis primeiros contos de litteratos brasilleiros.

Fal-o-emos no proximo numero.

VASO MYSTICO

(A VALENTIM MAGALHÃES)

Quero que seja meu, quero sorver sóslho
O vermello licór que delle se levanta;
Este vaso é o melhor; bebe-se nelle um vluho,
Delicioso e subtil, que a alma nos aquebranta...

Deixa bejal-o bem, com todo o meu carinho,
Bejal-o ao teu olhar, que o meu olhar encauta,
E em teus olhos sentir tudo quanto adivlho
Nelle, onde o nosso amor sonoramente cauta...

Repara que lavor, que linha nobre e alrosa
Lembra uma taça real, onde brilha uma rosa,
Arrancada ao calor de uma tarde de outubro.

Ab! quizera beber eternamente, nesse
Fino vaso — tua bocca — onde se empurpuresce
O teu sangue febril, delicioso e rubro...

PLACIDO JUNIOR.

CARTAS Á MINHA IRMÃ

II

18 DE NOVEMBRO.

Hontem, ao abrir um velho dictionario, para procurar uma palavra, achei entre as suas folhas amarellecidas uma flôr secca. Quedei-me, ao vê-la, e como a manhã estava brusca, toda ennevoadá, aquella flôr morta foi-me a evocativa de uma saudade, que despertou de manso no meu coração e se alastrou violenta á proporção que eu cheirava os filamentos fanados e já sem cheiro da flôr esquecida... Quem a esquecera allí, naquelle livro annoso que foi de meu pai e que eu, ingrato, abandono a um canto, só de quando em quando o consultando, para buscar a harmonia cantante de uma palavra ignorada, a qual dê lustre ao meu pobre escripto? Quem a esquecera allí,

naquelle livro tão antigo, já roído pelas traças incançaveis? Talvez minha avó, como a mais modesta e a mais grata lembrança para o seu filho... Talvez minha mãe quando foi noiva, e que, deitando-a naquelle livro velho symbolisava a amizade duradoura, quasi eterna como aquelle sabio livro, mais duradouro que uma vida, que ella votaria ao seu escolhido... Talvez fosse minha mãe que allí a tivesse posto, mas folheando mais o dictionario, achei mais flôres, algumas até já rompidas pelos tempos, e, junto ás quaes, a que eu achara primeiro tinha um resquicio de mocidade, uma côr dos meus dias... Então, foste tu que allí a puzeste, não foste, minha querida irmã, minha Albertina?

... E eu ôlho a flôr secca, como que achando que a envolve uma nevoa infinita de recordações tuas, donde como que se me desprendem os teus olhos adorados, fitando-me muito; parece-me até ouvir a tua voz chamar-me, e, nesta manhã fusca, ella toma um timbre mysterioso, como que vinda de muito longe, de muito longe...

Viajas, vês paizes que não conhecias, aprendes usos que ignoravas, no teu adoravel descuido de sempre rir... Passas pelo mundo, guardando na memoria tudo o que viste, para depois m'o contares, muitos dias a fio, embalando-me com a tua voz carinhosa, eu, com as palpebras cerradas em um meio sonho, transportando-me, a correr para todos os logares que tiveram a sensação deliciosa de ouvir as tuas risadas, e que tu me descreverás com a tua imaginação ardente, onde borbulha a phantasia viva e todo o encanto das brasilleiras, das filhas d'este paiz de enlevo e de poetas... Contar-me-ás tudo o que viste, não é assim?

... Japão! E' ahí que agora deves estar, no paiz das sedas. Só este nome — Japão — retumbante e curto como uma nota de violoncello, como uma pancada de bombo, traz-me á mente um millhar de paizagens exóticas, um bando alegre de japonezas, com grandes alfinetes nos cabellos e dentes envernizados a lacca, com suas mãos de fada a balança a ventarola, em que vem pintado o amor de um equilibrista pobre, de chinelas velhas, com a filha do magnata, de covinha de riso no rosto, onde brilham dois olhos acafroados...

Basta este nome — Japão — breve e empolado como um beijo sensual, para me trazer á mente uma miragem que se estende em frente de uma planicie branca de plantações de arroz, batidas de um sol valente, que se pendura do céu, allumiando a região exquisita do Japão.

E eis que volta este nome em que as duas unicas syllabas rebentam cantantes e cheias. Traz-me agora a vontade do amor excentrico de uma japoneza catita, chamada por exemplo Mei-Ilo, que por mim se apaixonasse e que eu raptasse ao pai, um velho impossivel, de nariz adunco, e lá nos fossemos em fuga para a China proxima, numa barcaça, eu a beijar-lhe a bocca perfumada de essencias, por sobre o falar zangado e continuo das aguas e enfiado pela brisa marinha, que lhe desmancharia, á japoneza catita, o tufo dos seus cabellos enrolados no alto da cabeça pequenita e redonda, emquanto ao longe, mui ao longe, muitissimo ao longe, se perdem as costas e se afundam as cascas de tectos acafroados do encantado paiz do Japão.

Lá vem de novo o nome, que me crystallisa o cerebro em uma idéa de alegria; e como aquil, por este céu brasilleo, o sol já atravessou as nuvens, dando-lhes pinceladas de azul, e assim não ha motivo para tristezas, tendo ido o velho dictionario dormir de novo no canto das traças, eu abandono-me á minha natural alegria e acompanho-te em phantasia, minha irmã, pela terra mirifica que honra o nome sonoro de Japão; corro atraz daquelle velho japonex maluco que allí vae, ás pernas, com desu-gonço, corto-lhe o longo rabicho, o qual embrulhado em brocado fino, trazo para esta minha banal choça paulistana e, pregando-o na parede, me servirá de inspiração nos dias de tedio...

J. V. DE AZEVEDO SOBRº

S. Paulo, 1893. (10º anno).

CORREIO

SR. BENTO ERNESTO JUNIOR.—Tenho de V. S. uns bonitos versos, ha um seculo recebidos, que só por falta de espaço não sahiram ainda. Sahirão porém dentro em pouco. Para o consolar e fazer jús ao seu perdão, vou dar aqui, como festas aos meus leitores o seu sonetinho que se intitula: "Indifferença." Lá vae elle, pois:

Deus
Vê
Que
Meus

Als
Nã
São
Mals

De
Má
Por

Ti,
O'
Flôr!

Comparando o titulo d'este soneto com elle proprio, é o caso de applicar aquelle proloquio que diz: maior é o nome que a pessoa, — o qual costuma ser applicado aos typos pequenos, a que o vulgo chama de "castiças do Inferno," quando tem por ahí uns nomes de legua e meia, afóra a alcunha.

A sua "Despedida" virá breve, razão porque lhe apresento a minha.

SR. L. R. C. A. F.—E' flado no rifão que diz que mais vale tarde que nunca, que me animo a responder-lhe. O seu apresentado tem, de facto, talento e os versos d'elle, que V. S. nos mandou, agradaram-nos bastante, áparte alguns pequenos defeitos remediaveis. E' bem possivel que, sobrando-nos espaço, possamos publical-os, não obstante a inoportunidade d'elles, que só ao rabis-cador d'esta secção é devida; pois, tendo, ha bastante tempo, recebido os mencionados versos, acompanhados pela sua carta, só agora lhe foi dado tratar d'aquelles e d'esta. Terá V. S. tanta bondade que o faça resistir ao desejo de mandar-me para a casa do diabo?

SR. LYDIO PAIVA.—O seu "Metaphisico" vai ser mettido na Collaboração, se Deus nos der vida e saúde e. . . e não mandar o contrario.

Gostei, gostei! Mande-nos sempre consilhas assim, que nunca havemos de jogar as cristas!

Cá fica o melro na sala de espera.

Sr. A. GAMA.—Agradou-nos o seu soneto "Ulara," apezar de alguns senões. E' original, creio, a idéa que nelle se encerra e bastante poetica.

Tanto nos elle agradou, que decidimos fazê-lo apparecer n'A SEMANA logo que haja nella espaço disponível. Apenas temos de fazer-lhe alguns ligeirissimos reparos, que, certamente, ao copial-o, lhe escaparam; reparos esses que em nada alterão o pensamento e a forma do soneto e que por tão insignificantes talvez que até V. S. os não percebera.

Desculpe-nos a ousadia de metter a mão em scara alheia, sim?

Sr. FIGUEIREDO.—Cá recebi a sua poesia—"A minha esposa (No dia de suas nupcias)".

Mas, seu Figueiredo, você sempre me sahio um pandego! Pois a gente lá pode publicar aquillo, homem de Deus! Começa V. S. logo d'este modo:

"Esta "fracção vulgar" (errado)
Nunca seria "unidade,"
Se não tivesse encontrado
A sua cara "metade."

Muito bem; mas como é que S. S. começa galhofando, e entra depois no serio, para cahir afinal na chalafa de novo?

Mais um pouco da geringonça.

Agora o homem encolhe a risota, entornece o mais que pode o grão do olho e falla grosso, mas commovido:

"Trilhei já d'este mundo a senda escura
Sosinho, abandonado.
Mas hoje sou feliz, tenho a ventura
Sorrindo-se a meu lado!

Achei-a nos teus dotes, Marianna..."
Marianna eu venho aqui
Venho só te bisitá,
Que eu sou um rapaz "sorteiro"

Não tenho contas qui dá;
Uma moça como esta
Custa munto a si encontrá.

Fecha a porta, Marianna
Deixa o dia inclariá.
Segura bem que a fita não caia...."

Ora esta só a mim acontece! .

Pois não é que por ver o nome de Marianna, confundi logo a poesia do amigo Figueirudo, digo Figueiredo, com uma cantiga de fado que ouvi um sertanejo cantar uma vez? Esta minha cabeça! Já agora salto ao fim da poesia do Figueirando, Figueiredo, digo:

"Tranquillo jazerei entre perfumes,
A' sombra do arvoredado... (ai! gentes!)
E teus olhos serão os doces lumes
Velando-o.

Figueiredo."

Amigo Figueirante, quer você lavar um tento? Se quer, não custa nada. E' transformar numa modinha a chora-deira que nos mandou, chegar aos peitos o violão e assim só no choro, cantar aquelle melao todo. E' isto, meu amigo, cante aquillo á sua mulher; vá você lhe cantando, que lavrá até em vez de um, dois tentos!

Sr. ZEFERINO.—Pergunta-nos V. S. como se pronuncia a palavra "pantano." Quer saber se a palavra é esdruxula ou grave, pois tem ouvido pronunciar tanto pantano, como pantano. Só o que lhe posso dizer é que pantano é horrroso! Se é por isto, também ha quem pronuncie lampáda por lampada. Olhe,

quando encontrar pessoa, que pronuncie pantano, accentuando a 2ª syllaba, metta o desgraçado dentro d'elle de cabeça para baixo até morrer afogado!

Como o Sr., alguém escreveu-me uma carta, que perdi entre a minha papelada, e em que se me consultava sobre se se devia pronunciar pegáda ou pégada. Cá por mim fico o mais pegado possível á primeira pronuncia e comigo está João de Deus, o qual, sempre benemerito, nos aconselha pelo seu Dicionario Prosodico que pronunciemos pegáda e sempre pegáda.

Se podemos pronunciar pégada, porque carga d'agua não podemos também esdruxular a palavra passáda? Porque não havemos de dizer caminhada, e tudo o mais pelo mesmo diapasão esdruxulico? A Cezar o que é de Cezar; portanto ao pantano a sua pronuncia esdruxula e á pegáda a sua pronuncia aguda; do contrario a pegáda é muito capaz de querer esborrachar as ventas ao pantano ficando nelle segura!

E com esta d'aqui me desapego.

Sr. GIL PETIT—Diz V. S. que "dentre os diversos e variados "bijous" litterarios que tem lido, ahi nos sertões de Goyaz, destacam-se tres das nevoas de sua memoria." (Eis ahi um homem bem original. Basta dizer que tem nevoas na cachola. Estas nevoas com certeza hão de se desfazer em chuva, de quando em vez. Que perigo, ein?) D'ahi tempestades, cirrus, cometas mesmo, o diabo! Não ha que ver, é uma cabeça astrológica, direi melhor astral, porque logica nem sempre ella ha de ser, principalmente nas epochas de chuva.)

Diriginda-no V. S. a palavra relativamente ao plebiscito d'A SEMANA sobre os seis melhores contos brasileiros, cumpre-me dizer-lhe que a sua opinião será respeitada. Unicamente não conhecemos o Sr. Ismael Vaga, nem o seu conto "Bellinha," lá d'elle Vaga, por V. S. escolhido.

Diz V. S. que nol-o mandará (o conto e não o Sr. Ismael) para que com elle travemos conhecimento, caso o não tenhamos visto mais grammatical.

Pode mandal-o, pode; achavamos porém mais acertado que o amigo, em vez do referido conto de Goyaz, que correria o risco de chegar aqui transformado em conto do Vigario, nos mandasse, lá d'esse mesmo Goyaz, um pouco de fumo.

Isto não é caso, porém, para que V. S. fique fumando.

ENRICO.

Factos e Noticias

MADAME DUROCHER

Foi sepultada no dia 26 do corrente esta celebre parteira.

Nasceu em Paris, no anno de 1808 e de lá embarcou para o Brasil com a idade de dezeseis annos.

Fixando residencia nesta cidade, Mme. Durocher cursou as aulas da nossa Faculdade de Medicina, obtendo, depois de serios estudos, o diploma de parteira de 1ª classe e mais tarde o de 1ª parteira do Brasil.

Dotada de uma rara intelligencia, estudiosa e conhecendo bem a sua profissão, Mme. Durocher recebia em sua residencia muitas das nossas summidades medicas, que a procuravam com vivo empenho de ouvir os seus auctori-

sados conselhos e opiniões referentes á sua clinica. Admira que depois de ter assistido ao nascimento de mais de 5,000 pessoas e exercendo por longos annos a profissão que a distinguia, Mme. Durocher tenha morrido sem deixar fortuna. Pois é essa a verdade e dizem mais que a illustre parteira morreu pauperrima, o que se explica pelo muito que fazia pela pobreza o seu coração franco e bonissimo. Mas, succumbindo aos 86 annos de idade, deixou apenas entre os que com ella privavam uma recordação eterna, como um raio de luz que não se extingue,—a recordação que costumam deixar no mundo as almas sãs, dotadas das melhores virtudes, os corações piedosos e cheios de bondade.

Mme. Durocher era membro adjunto da nossa Academia de Medicina, sendo esse titulo conferido pela mesma academia depois de uns trabalhos por ella apresentados sobre a sua clinica. O seu corpo fica descansando agora num cemiteiro do cemiteiro de S. Francisco Xavier.

Infelizmente no nosso numero de hoje somos obrigados a noticiar mais um fallecimento: o do nosso mallogrado companheiro de imprensa, Augusto Fabregas, que durante alguns annos redigiu a secção APARAS, d'O PAIZ, tão procurada pelos seus assiduos leitores.

Augusto Fabregas succumbio victimado por uma lesão cardíaca, que ha muito tempo lhe minava a existencia, e deixa uma serie de escriptos, contos, comedias e dramas traduzidos, monologos em verso e um volume publicado — APARAS — em que está reunida toda a serie de quadrinhas humoristicas insertas n'aquelle jornal.

Era um espirito vivaz, alegre e extremamente activo, mas que infelizmente não deixou uma obra duradoura, digna de si.

Augusto Fabregas deixa viuva e filhos em completa pobreza.

(Quando se fundará uma sociedade de beneficencia para os homens da imprensa?)

Por alma do inditoso jornalista faz hoje a redacção d'"O Paiz" resar uma missa na igreja de S. Francisco de Paula, ás 9 horas.

FOLHINHAS E ALMANACHS

Recebemos um exemplar da veneranda FOLHINHA LAEMMERT, que já conta 55 annos de existencia. Na sua chronica alegre, cheia de espirito e de pilherias de bom gosto, encontramos as seguintes linhas amistosias com referencia á SEMANA:

" Nas letras, em que se vae notando certo movimento auspicioso, o mais notavel successo foi o reaparecimento d'A SEMANA, a excellente revista litteraria fundada por Valentim Magalhães, o conhecidissimo critico, jornalista e poeta, presidente também d'A EDUCADORA, a prospera e solida companhia nacional de seguros de vida. A SEMANA traz o mesmo corpo de colaboradores, em que se contam os principaes escriptores brasileiros—o que constitue uma garantia do seu exito.

A todos os meus leitores aconselho, se querem dar uma prova de intelligencia e bom gosto—que assignem A SEMANA."

Agradecidos pelo preconio.

A conhecida papellaria do Sr. Luiz Macedo offereceu á SEMANA uma bella folhinha de desfolhar, para o anno de 1894.

Da Livraria Lammert & C. recebemos também duas bonitas folhinhas de parede.

Partio para S. Paulo na manhã de 27 do expirante o nosso presado companheiro Max Fieluss, que vai naquelle estado fazer a propaganda d'A SEMANA, de que é redactor-gerente.

Paris, que é, decididamente, a cidade das exposições, teve, ha pouco, mais uma, de grande originalidade — a Exposição dos retratos do seculo XX. Essa idéa, provinda da anterior exposição de retratos de escriptores do seculo, tiveram-na Roinard, redactor-chefe dos *ESQUISSES D'ART LIBRE*, e o escriptor Edmundo Girard, o ousado editor dos *NOVOS*. Tiveram-na e realisaram-na com exito satisfactorio.

Os intuitos dessa exposição explica-os o proprio Roinard nestas palavras: "dar, pelo agrupamento de individualidades esparsas, (precursores, militantes e recém-vindos) a physionomia geral dos espiritos e do movimento, animado pela grandiosa esperança de libertar a humanidade proxima vindoura pelo individualismo artistico e social."

Para completar a obra significativa e ousada dessa exposição, vão publicar brevemente os seus iniciadores a collecção desses retratos, como dos de muitos outros notaveis do seculo XX que nella não figuraram — como Barrès, Léon Bloy, Charles Morice, Mallarmé, Maeterlinck, Rosny, Stuart Merrill, Viélé-Griffin etc.

O Club dos Democraticos enterrará hoje o anno velho com um baile espantabilisozas, que não deslustrará certamente as tradições de opulencia e bom gosto do famoso Castello.

Agradecidos pelo amavel convite.

AU CLAIR DE LA LUNE

Muito alto, presa á abobada Infinita,
Envolta em veste tremula de prata,
Em fios brancos toda se desata
A lua que na Immensidão palpita.

Constellações ligadas n'uma fita,
Que a lenda dos pastores nos relata,
Parecem-nos do campo, junto á matta,
De luzernas um bando que volita.

Assentados na gramma verde e fria,
Enquanto nas roseiras se desfia
A aragem leve que o frescor conduz,

Bocca na bocca, olhos nos olhos, dadas,
Num extasis supremo as mãos nevadas,
Os noivos vão, aliferos, á luz.

SOARES DE SOUZA.

OS COLLEGAS

A' espera ainda dos ns. 1 a 6, recebemos com vivo prazer o numero 8 da excellente folha litteraria *A REVISTA*, dirigida em Paris pelo nosso conterraneo e collega Sr. Xavier de Carvalho. Escripito com supremo cuidado e proficiencia, traz este numero varios desenhos bem feitos, sobresahindo d'entre elles os retratos dos nossos distinctos collegas d'O PAIZ, Srs. Jovino Ayres, Rodolpho Abreu e Manuel Cotta.

Que continue a *REVISTA* a prosperar e a visitar-nos é esse o nosso maior desejo.

A *GAZETA POSTAL*, de Belém, de que é redactor o Sr. Raul d'Azevedo e que já conta quatro annos de existencia, annuncia o encerramento do concurso litterario, que abrija para sonetos, em 12 do corrente. Nesse mesmo numero encontramos um bom artigo do Sr. Guilherme de Miranda, ultimo de uma polemica travada entre esse nosso collega e o Sr. E. de Azevedo acerca do "nephelibatismo" e noticias criticas dos livros *A NORMALISTA* e *BLOCOS*. Muito interessante a *GAZETA POSTAL*.

— *REVISTA INDUSTRIAL*, — de Minas Geraes. — Excelente folha de que é director o Sr. Alcides Medrado, bibliothecario da Escola de Minas. O n. 3, que é o que temos aqui sobre a nossa meza de trabalho, traz varios artigos e noticias sobre a industria mineralogica daquelle estado.

TRATOS Á BOLA

Caros tratistas.

Começarei dando-vos as boas festas. Fical certos de que, nestes ultimos dias, outra coisa não tenho feito que não seja rogar a Deus que vos dê felicidades, dando-vos a boa inspiração de produzir charadas para gloria vossa e encanto e beneficio desta secção.

Agora sempre quero pôr por um pouco as contas para uma banda, afim de fazer a minha perna.

Ai! filhos, filhos da minh'alma, que sortimento que vos trago desta vez!... Pelas contas do meu rosario! Pelo cordão do meu habito vos asseguro que nunca debaixo do sol veio á luz delle proprio sol e da publicidade uma charadação tão completa.

A ellas, pois, pledosos ouvintes, a ellas!

Primeiro, é de meu dever declarar-vos que quem comeu do bol, isto é, quem comeu o premio conferido ao decifrador exacto das do numero passado, foi P. K. Dôr. Felizão!... Pedaco de felizardo! Em seguida vieram com a galhardia de sempre, "Corongondó", "Bibliophilo", "Cancurenha", "Bigode de Arame", "Marquez" e "Pi."

Ahi, supimpas! Gostei do rasgo!... As decifrações do passado numero são:

- 1.^a— "Granada", "Granado."
- 2.^a— "Tomate."
- 3.^a— "Cinco vezes cinco vinte e cinco, novees fóra sete."
- 4.^a— "Papagaio."
- 5.^a— "Papalino."
- 6.^a— "Leonardo."
- 7.^a— "Machado."
- 8.^a— "Mulo."
- 9.^a— (Sahiu errada).
- 10.^a— "Caneta."

A declma, por ter sahido errada, vai ser reproduzida agora, correcta:

A preposição—1
Que num alto tal está—2
Dobra-lhe a porção
Que num quinto caberá.

Agora a nova lenha.—Escorvai as armas, sectarios do Logogryphismo! Sapiientes esgaravadores da Enygmato-logia, — a grande sciencia occulta, — preparai a cachimonia, que a lucta sagrada val começar! A postos, topetudos! Aguenta o turumbamba, povo desatracado! Aguenta!...

ANTIGA

Planta de pé—2
Para ligar—1
A' herva moura
Não singular.

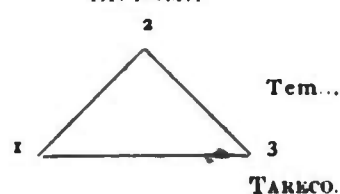
THIAMOR.

BISADA

Que o appellido
— Ma —
Está pendente,
Eu não duvido.

ALVA COLOMBINA.

ENYGMATA



TARECO.

PROBLEMA



Uma duzia retrando
Dos palitos que all estão.
Um paiz encontrarão,
Com cuidado procurarão.

Fritz.

NOVISSIMAS

- 2-1 O parente de Ismael é homem?
- 1-2 Já foi na Igreja irritar?
- 1-2 O elemento tem vergonha da musica.

ADEOL.

PERGUNTAS ENYGMATICAS

A VIOLETINA

I

Qual é a interjeição que é um quadrupede?

II

Qual é o bolo que é um rio?

III

Qual é o vento mais conhecido?

PI.

MICROSCOPICA

— Ca — Pa —

Logar é gentil
Do nosso Brazil.

HARRY CLIFFORD

E por hoje nada mais. Desta vez quiz descansar. Cumpre-me, antes de concluir, dizer a Mr. JOHN, que preciso que sem demora me mande a decifração de sua charada (a Violetina) a qual ainda não sahiu por falta daquella, e a Pi, que se a mais tempo não publiquei as suas "tratices," pelo que peço desculpar-me, foi porque, tendo muito material, mandado por benemeritos charadistas, precisava ir contentando a todos gradualmente. Cá fico esperando pelo novo fornecimento e posso garantir-lhe que os seus trabalhos tem-me agradado muitissimo, fique certo.

Nunca attribúa a demora na publicação delles á condemnação de minha parte; tanto que, penhorado, delta-lhe a sua benção, bem como aos demais devotos, o masca-orações que se chama

FREI ANTONIO.

ANNUNCIOS**ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO**

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado
115 — Rua Sete de Setembro — 115
Rua da Carioca, 12 e 14
FILIAL EM PETROPOLIS

** **CHAPELARIA AMERICANA**
EM FRENTE A' CASA PASCHOAL
CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133
Importação por todos os paquetes
Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.
Rio de Janeiro

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.
RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etc.

PIANOS E MUSICAS
FONTES & C.
Rua dos Ourives 51
Telephone 1051
RIO DE JANEIRO

O PEDAGOGIUM
13. Rua do Visconde do Rio Branco 13

BIBLIOTHECA

Laboratorio de Chimica, Gabinetes de Physica
e Historia Natural.

EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR

ESTÁ FRANCO AOS ESTUDIOSOS

Nos dias uteis das 10 horas da manhã ás 3 da tarde

REVISTA PEDAGOGICA

Orgão do PEDAGOGIUM. Distribuição gratis aos
Srs. Professores.

ESTA PUBLICADO O 1º FASCICULO DO TOMO V

Dr. R. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas
Residencia Praia do Flamengo n. 96
TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VALENTIM MAGALHÃES

ADVOGADO

RUA DOS OURIVES N 71

SEGUNDO ANDAR

DE 1 A'S 3 HORAS

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : *Purtos e Molestias das Senhoras*

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.
Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.